

Milenarismo na obra profética de Padre Antonio Vieira

Millenarism in the prophetical works of Father Antonio Vieira

Marcus De Martini

Noeli Dutra Rossatto

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: O pensamento profético de Padre Antonio Vieira (1608-1697) já foi analisado em diversas obras. No entanto, sua influência milenarista, especialmente a da obra do abade calabrês Joaquim de Fiore (c. 1135-1202), ainda apresenta alguns pontos interessantes que merecem ser estudados. Assim, o presente artigo buscou analisar a presença do pensamento joaquimita na concepção vieiriana do “Quinto Império”. Constatou-se, a partir daí, uma presença indireta das ideias do abade calabrês na obra do padre português, decorrentes, sobretudo, da cultura popular portuguesa de então e de seguidores tardios de Joaquim, que, disseminando cada qual a sua maneira o legado do abade, chegariam a Vieira principalmente por meio de comentários bíblicos.

Palavras-chave: Padre Antonio Vieira. Joaquim de Fiore. Milenarismo.

Abstract: The prophetical thought of Father Antonio Vieira (1608-1697) has been studied by several scholars. However, its millenarian influence, mainly through the work of Joachim de Fiore (c. 1135-1202), is still a subject of interest, not yet completely investigated. Thus, this article aims at analyzing the presence of the Joachite tradition in Vieira’s conception of the ‘Fifth Empire’. Therefore, an indirect presence of the ideas of the Calabrian abbot in the works of the Portuguese priest is highlighted, which is due to the Portuguese popular culture of that time and to late followers of Joachim, who, after disseminating the abbot’s ideas in many different ways, would reach Vieira specially through biblical commentaries.

Keywords: Father Antonio Vieira. Joachim de Fiore. Millenarism.

Introdução

Marcus
De Martini

Noeli Dutra
Rossatto

172

O aspecto profético da obra de Padre Antonio Vieira, apesar de ser em grande parte negligenciado nas apreciações e comentários a seus textos, frequentemente entretidos com os sermões do jesuíta, desde sempre elogiados por sua engenhosidade, tem progressivamente chamado mais a atenção da crítica nos últimos anos. Quanto a isso, vale lembrar que, para Vieira, sua obra profética era o que realmente ficaria de seu trabalho intelectual, ao passo que seus sermões seriam obras menores e de pouco alcance. No entanto, de fato, não se encontram nas grandes obras proféticas de Vieira – na *História do futuro*, na *Clavis prophetarum*, na *Apologia das coisas profetizadas* e nas *Representações primeira e segunda*, publicadas por Hernâni Cidade sob o nome de **Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício** – o “discurso engenhoso”, segundo o nome que lhe deu Antonio José Saraiva¹, na mesma proporção que nos sermões². Assim, o que chama a atenção hoje para os textos proféticos de Vieira é seu conteúdo “curioso”, em contraste aparente com a imagem difundida do jesuíta como um homem mais envolvido com assuntos práticos do reino (o problema da escravidão indígena, a necessidade de capitais para o reino e a fundação de duas companhias de comércio para o império ultramarino português, para citar os mais importantes). Todavia, como mostrou Alcir Pécora em seu trabalho seminal, o que se vê, na obra de Vieira, é uma unidade retórico-político-teológica, em que todos os temas estão unidos sob a mesma égide, que se funda na constatação da onipresença divina no mundo e na necessidade, por exemplo, de a política ser feita sob uma base teológica. De fato, não poderia ser diferente para o mundo católico pós-tridentino³.

Entre os temas abordados no estudo do pensamento profético vieiriano, um dos que ainda não foram suficiente analisados, a nosso ver,

1 Saraiva, 1980.

2 Para Ana Paula Banza, Vieira seguia os preceitos do *decorum* da Poética clássica: “medida e propriedade, adequação do estilo ao tema e dos processos ao gênero e função do texto” (BANZA, 2008, p. 24). Este seria, portanto, o principal motivo da diferença entre os estilos empregados pelo jesuíta em seus sermões e em suas obras proféticas. Para Banza, especificamente em se tratando da *Representação*, seu caráter dúplice permitiria ainda a coexistência de elementos do estilo engenhoso encontrado nos sermões de Vieira, ainda que em menor grau e frequência. Tal caráter dúplice seria decorrente de a *Representação* ser uma defesa, em primeiro lugar, mas também um tratado teológico e exegético, o qual permitia uma maior flexibilidade estilística. De qualquer modo, fosse como réu, fosse como intérprete de profecias, o discurso empregado por Vieira em seus textos proféticos não poderia ser suscetível a leituras múltiplas. Portanto, para Banza, a retórica da *Representação* seria uma “retórica cativa” de suas circunstâncias de produção (Ibid., p. 31).

3 Pécora, [1994], 2008.

é a influência da tradição milenarista nas ideias do “Quinto Império” vieiriano. Embora grande parte dos autores que versaram sobre o pensamento profético de Vieira tenham se detido em algum momento sobre a questão que ora nos ocupa, pensamos que haja ainda alguns pontos a serem abordados, especialmente no tocante à influência de Joaquim de Fiore (c. 1135-1202) na obra de Vieira. Quanto a isso, acreditamos que três pontos podem ser abordados: a divisão em três reinos do Império de Cristo, o período de mil anos do Quinto Império e o método interpretativo empregado por Vieira. Esses três temas, evidentemente, estão entrelaçados, mas, no presente artigo, daremos atenção aos dois primeiros.

*Milenarismo na
obra profética
de Padre
Antonio Vieira*

O Encoberto e o início do processo de Vieira na Inquisição

Vieira nasceu num Portugal sob domínio espanhol, em 1608. Tal domínio fora resultado da morte de D. Sebastião (1554-1580), que não deixara herdeiros para o trono. Com a morte do “Desejado” e a perda da independência do reino, surgira a crença no retorno do rei desaparecido, chamado de Encoberto – e daí o sebastianismo –, crença segundo a qual, em suma, o rei voltaria para recuperar a independência portuguesa e liderar a cristandade na derrota contra o turco. Tal crença se disseminou por meio da divulgação de profecias eruditas e populares, bem como de interpretações delas. Entre as profecias populares, as mais conhecidas foram as *Trovas do sapateiro Bandarra* (1500-1556). No entanto, em 1640, o reino português resgata sua independência com D. João IV (1604-1656). Assim, essas profecias, cujas interpretações eram monopólio até então dos sebastianistas, passaram também a ser interpretadas à luz dos novos acontecimentos, aplicando a figura do rei Encoberto a D. João IV e não mais a D. Sebastião. Nem todos concordaram com essa mudança, mas Vieira, assim que chegou a Portugal para saudar o novo rei – pois morara desde os seis anos no Brasil – aderiu ao partido “joanista”, tornando-se conselheiro do novo rei e uma das figuras mais proeminentes do reino.

Depois de muitos percalços e um reinado turbulento, D. João IV morre, sem antes cumprir as profecias que Vieira creditara ao Encoberto. Vieira escreve então uma carta a D. André Fernandes, confessor da rainha viúva e bispo nomeado do Japão, por volta de 1659. Na carta – supostamente secreta – intitulada *Esperanças de Portugal*, Vieira, em suma, consolava a rainha da então ainda recente morte do rei D. João IV afirmando que este haveria de ressuscitar para comandar Portugal e a cristandade na vitória contra o “Turco” (o Império Otomano, sediado em Constanti-

173

Marcus
De Martini

Noeli Dutra
Rossatto

174

nopla) e no subsequente estabelecimento do Quinto Império, a ser concomitantemente religioso – sob o reinado do papa – e temporal – sob a tutela de Portugal, nação eleita por Cristo⁴. Apesar de supostamente escrita apenas para consolo da rainha viúva, a carta circula largamente pelo reino, obtendo enorme repercussão. Afora a defesa entusiasta de certo Nicolau Bourey, comerciante flamengo casado com uma portuguesa e que publicara um livreto aderindo às teses vieirianas, os comentários a respeito das ideias propaladas por Vieira haviam sido negativos, indo da mera descrença à desbragada chacota⁵. Enfim, também em virtude das inimizades de Vieira com os dominicanos, que comandavam o Santo Ofício, a carta *Esperanças de Portugal* acabou sendo requisitada pelo Conselho Geral desse Tribunal ao padre André Fernandes em 13 de abril de 1660. Fernandes remeteu a carta a essa corte dois dias depois, tentando escusar o amigo que a escrevera. A carta foi, mesmo assim, enviada para o Santo Ofício de Roma, que determinou o interrogatório do autor. Após fazer sua defesa inicial, Vieira seria intimado a apresentar uma apologia em defesa de suas ideias. Depois de muitas protelações e da entrega de um calhamaço de papéis dispersos, Vieira é recolhido a um dos cárceres de custódia. É ali que o jesuíta tratará de compor sua *Representação Primeira e Segunda*, longo texto em que tentará responder aos questionamentos dos inquisidores. É com base, principalmente, nos textos compostos durante seu processo que analisaremos as supostas ideias milenaristas de Vieira⁶.

O Quinto Império e os três estados

A teoria do Quinto Império é tratada em detalhe na terceira questão da *Representação Segunda*, onde Vieira discute o seguinte ponto: “Se está revellado ou profetizado na Sagrada Escritura algum Reyno, Monarquia ou Imperio que se deva chamar o Quinto?”⁷. A resposta é afirmativa, e o fundamento para ela repousa no segundo capítulo de Daniel, com o

4 “Vieira concluiu a primeira via da carta a 29 de abril de 1659. Achava-se então em Camutá, em viagem de missão pela Amazônia” (BESSELAAR, 2002, p. 33 e ss.).

5 Cf. Besselaar, referindo-se a Bourey: “Apenas uma pessoa aplaudiu com entusiasmo a tese de Vieira: um estrangeiro que, apesar de residir há mais de cinco décadas em Portugal, não sabia exprimir-se com correção na língua de sua pátria adotiva” (BESSELAAR, 2002, p. 111). Ainda segundo Besselaar, Vieira chegou a ler um exemplar do texto de Bourey em 1664 e não gostou. “*Non tali auxilio*, seria seu comentário” (Ibidem, p. 115). Bourey também seria chamado à Inquisição em 1661, não obtendo maiores complicações com o Tribunal, mas sua carta fora proibida.

6 Cf. Azevedo, 2008, t. II, p. 12-3. Quanto aos dados biográficos de Vieira, seguiremos basicamente as obras *Antônio Vieira: o homem, a obra, as ideias*, de José van den Besselaar, e *História de Antônio Vieira*, de João Lúcio de Azevedo.

7 Vieira, 1957, Tomo 1, p. 235.

famoso sonho da estátua de Nabucodonosor⁸. O rei sonhara com uma estátua com cabeça de ouro, peito de prata, ventre de bronze, pernas de ferro e pés de ferro e barro, que era destruída por uma pedra, que, depois de converter tudo em pó, crescia e cobria todo o mundo. Segundo a interpretação de Daniel para a profecia, os quatro metais significavam quatro impérios que se sucederiam, sendo substituídos por um último⁹. Como afirma o jesuíta, essa é a exposição literal do texto, conforme todos os autores que dela se ocuparam¹⁰.

Como confirmação dessa leitura, Vieira acrescenta outro sonho em que Daniel vira quatro feras que se levantavam do mar (Dn 7). Perguntando a um anjo o que elas significavam, este lhe respondeu que eram os quatro impérios, aos quais se seguiria o “Reino dos Santos”, que seria eterno. Deus faz, portanto, por duas vezes, a mesma revelação a Daniel, através de figuras diferentes. Na *História do futuro*, o jesuíta retoma a mesma ideia:

Não é cousa nova em Deus quando revela cousas grandes, significar por repetidas visões o mesmo mistério e por diferentes figuras a mesma revelação. Assim mostrou antigamente a José suas felicidades, primeiro no sonho das paveias dos onze irmãos que adoravam a sua, e depois no do Sol e nas estrelas que lhe faziam a mesma adoração. Assim mostrou a El-Rei Faraó os sete anos da fartura e os outros sete da fome, primeiro no sonho das sete vacas robustas e sete fracas, e depois no das sete espigas gradas e sete falidas. E assim nos tempos em que agora imos, depois de revelar Deus a Daniel o secreto do Quinto Império, no sonho de Nabucodonosor e na visão daquela estátua, em outro sonho e em outras figuras lhe fez segunda vez a mesma representação, nada menos misteriosa e cheia de circunstâncias, que a primeira, antes mais portentosa em tudo e mais notável. (VIEIRA, 2005, p. 364).

8 Daniel: 2, 30-36.

9 Os quatro impérios em questão são o Assírio, o Persa, o Grego e o Romano, o qual ainda existiria. Como afirma Kantorowicz (1998, p. 181): “A crença na continuidade do império [romano] *in finem saeculi* era tão comum na Idade Média e um fato tão estabelecido quanta a crença da Alta Antiguidade na ‘eternidade’ da cidade de Roma; e a luta contra o Anticristo, que se esperava ocorrer logo antes do Fim, conferia ao império cristão uma função escatológica similar à da Igreja militante. A crença na sempiternidade do Império Romano, certamente, não era uma questão de dogma. Baseava-se, por um lado, na identificação feita por São Jerônimo da visão de Daniel sobre as Quatro Monarquias Mundiais, das quais a última delas, a dos romanos, iria continuar até o fim do mundo...”

10 Vieira, 1957, Tomo 1, p. 236.

Marcus
De Martini

Noeli Dutra
Rossatto

176

Por fim, às visões de Daniel, o jesuíta acrescenta a de Zacarias (Zc 6), pois “assim como Deus dobrou as visões, assim dobrou também as testemunhas, e a mesma sucessão de impérios que revelou a Daniel em umas figuras a mostra agora ao Profeta Zacarias em outras”¹¹. Em sua visão, Zacarias viu quatro carroças puxadas cada uma por quatro cavalos. Perguntando a um anjo o que significavam, este respondeu que eram os quatro ventos, dos quais se serviria o Senhor do Mundo para fazerem o que queria. Assim, na visão de Zacarias, há dois enigmas para o mesmo significado, que seria, conforme consenso dos intérpretes, os quatro impérios “representados ao Profeta em figura de carroças, e declarados pelo Anjo em metáfora de ventos”¹².

O império indicado de modo velado é o de Cristo, simbolizado pela pedra que quebra a estátua, como Davi derrubara Golias com uma pedra. Assim, o jesuíta argumenta que o Quinto Império não seria o do Anticristo, como muitos imaginavam, numa referência indireta a seus inquisidores, que insistiam sobre esse ponto¹³.

Sendo o Quinto Império de Cristo, Vieira afirma que ele é da Terra, o que se confirma novamente pelo sonho de Nabucodonosor, em que a pedra toma o lugar da estátua; portanto, o reino de Cristo tomará o lugar do quarto reino, na Terra¹⁴. A seguir, Vieira divide o reino de Cristo em dois tempos: o do domínio e o da posse. O do domínio começara desde a Encarnação; o da posse começara com a fé das pessoas em Sua palavra. Assim, o reino de Cristo vai se alargando conforme as pessoas vão aderindo à fé cristã. A partir disso, o jesuíta acrescenta que o Império de Cristo se divide em três estados: 1º.) Império de Cristo Incoado, que era o antigo e iria de Cristo a Constantino; 2º.) Império de Cristo Imperfeito, que iria de Constantino ao tempo de Vieira; e 3º.) o Império de Cristo completo e consumado, que seria o futuro e corresponderia ao Quinto Império: “O Quinto Império de que fallamos & que fallão as profecias de Daniel, he o Império Completo e Consumado de Christo”¹⁵. Essa divisão em três estados ou impérios remete à metáfora dos hemisférios do tempo, que Vieira usa logo no início da *História do Futuro*:

11 Vieira, 2005, p. 370.

12 Ibid., p. 371.

13 Vieira, 2008, p. 101.

14 Vieira, 1957, Tomo 1, p. 256 e segs.

15 Ibid., Tomo 2, p. 271.

O tempo, como o Mundo, tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado, outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que imos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa. Desde este ponto toma seu princípio a nossa História, a qual nos irá descobrindo as novas regiões e os novos habitantes deste segundo hemisfério do tempo, que são os antípodas do passado. Oh que de cousas grandes e raras haverá que ver neste novo descobrimento! (Vieira, 2005, p. 126)

Na divisão dos hemisférios do tempo, Vieira demarca a segmentação entre presente, passado e futuro. Do mesmo modo, os três estados ou impérios de Cristo são referentes ao passado, ao presente e ao futuro. O Império de Cristo Imperfeito é o do presente; o Império de Cristo Perfeito e Consumado será o do futuro. É notável esse constante aspecto de inacabamento do presente que Vieira salienta na passagem, em que o futuro está sempre além do horizonte. Por esse motivo, se Vieira não consegue ver o que está além do horizonte, o futuro, menos ainda podiam ver aqueles que estavam mais distantes no horizonte do passado. Não obstante, Vieira acredita estar mais próximo da jornada de Cristo Consumado que aqueles autores que vieram antes dele. A analogia do percurso do tempo com as Grandes Navegações, evidente na passagem, assinala também um novo e significativo evento: a relação entre a Descoberta da América e a chegada do terceiro estado do Império de Cristo, no que Vieira não se distancia de diversos exegetas americanos, especialmente franciscanos. Assim, a Descoberta da América, como grande parte dos exegetas vai notar, é um sinal da proximidade da consumação dos tempos. Vieira mesmo destaca, em alguns lugares dos seus sermões, a “analogia de nosso tempo com o do messias”¹⁶. Fazendo uma analogia entre a vida de Cristo e a História da Igreja, o jesuíta afirma que os últimos três anos da vida de Jesus corresponderiam ao período iniciado em 1500, aproximadamente; por conseguinte, os anos que se seguiriam seriam correspondentes à pregação universal do Evangelho, que Cristo anunciara depois dos 30 anos, bem como de perseguições à Igreja, correspondendo à Paixão, e, por fim, as felicidades e glórias da mesma Igreja, em consonância com a Ressur-

*Milenarismo na
obra profética
de Padre
Antonio Vieira*

177

16 Por exemplo, *Sermão da Terceira Domingo do Advento*, s.d.

Marcus
De Martini

Noeli Dutra
Rossatto

178

reição¹⁷. Como Cristo fora anunciado antes de sua Encarnação pelos profetas, deveria ser anunciado também em seu retorno.

Alguns autores têm aventado a possibilidade de que a divisão por três estados relativos a Cristo remeteria a uma leitura joaquimita de Vieira, já que Joaquim de Fiore também divide a história em três estados, correspondendo cada um a uma das pessoas da Trindade¹⁸. Vieira, contudo, considera que os três estados são referentes ao Reino de Cristo, e não ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Como sombra da revelação de Cristo, o Antigo Testamento fora superado pela Nova Aliança, conforme os Padres da Igreja haviam proposto. Com Cristo e a Nova Aliança, havia começado outra era da humanidade; no entanto, apenas se haviam cumprido seu início e seu desenvolvimento, por isso, essa fase era ainda imperfeita, já que o pecado não desaparecera. Apenas com o “Reino dos Santos”, seria possível esse estado de perfeição e santidade, em que Cristo, em seu retorno, seria não apenas um protótipo, mas teria uma presença real entre os homens. Fica claro que, para Vieira, Cristo é de fato o eixo da revelação passada e futura. Em Cristo, toda a história encontra sua hipótese e recapitulação.

De diferente modo, Joaquim e o joaquimismo em geral propugnam a superação do estado do Filho que, como estado imperfeito atribuído a Cristo e protagonizado pelo clero (*ordo clericorum*), seria substituído por um estado de maior plenitude, pertencente à terceira pessoa da Trindade, o Espírito, e protagonizado por uma ordem monástica (*ordo monachorum*). De acordo com essa divisão, dificilmente poderíamos ver uma origem joaquimita na proposta vieiriana dos três estados atribuídos ape-

17 Autos: p. 102-3. Segundo Borges, a analogia entre a vida de Cristo e a história da Igreja também está presente no *Sermão das Quarenta horas*, de 1642, e no *Sermão da Primeira Domingo do Advento*, de 1652. Essa analogia seria uma influência da obra *Coniectura De Ultimis Diebus*, de Nicolau de Cusa (1995, p. 67-68).

18 Nesse sentido, Buescu (in VIEIRA, 1982) e Bosì (1998). Concordamos, porém, com Borges (1995, p. 111-113): “a transposição para o tempo histórico subsequente a Cristo de uma economia que a tradição teológica considerava especialmente orientada para e consumada no seu Acontecimento, a expectativa de ser esse um tempo destinado à final eclosão de profetizadas novidades essenciais num regime extraordinário da teofania, operador de uma decisiva transfiguração da totalidade do modo humano de ser no mundo, bem como a directa e explícita citação de autores e fontes, impelem-nos a inquirir da possível dívida de Vieira para com Joaquim de Flora e o joaquimismo. [...] o conhecimento das obras do abade Calabrês não é, contudo, explicitado, sendo muito provável que Vieira apenas houvesse contactado os textos da compilação de profecias, tardia e heterogênea, publicada por Rusticano”. Conclui então Borges que: “Não nos foi possível encontrar mais do que uma discreta alusão a Joaquim de Flora, a respeito da questão dos quiliastas ou milenaristas”.

nas ao reinado de Cristo¹⁹. Podemos argumentar que Joaquim subdivide internamente cada um dos três estados, donde têm origem os conceitos de *initiatio* ou *germinatio*, *fructificatio* e *consummatio*; e que Vieira, de um modo que poderia remeter a esta subdivisão joaquimita, propõem três fases no interior do Império de Cristo, a saber: “princípio”, “progresso” e “perfeição”. No entanto, a leitura da história geral por Vieira tem seu cumprimento com o Reino de Cristo. Os três estados por ele propostos abrangem tão somente o Reino de Cristo, que iria do próprio Cristo ao Fim dos Tempos. Aqui, como observam alguns intérpretes, não há nada que guarde fidelidade ao pensamento joaquimita estrito senso. Não há a expectativa de um futuro estado espiritual que venha a substituir o estado do Filho. Além disso, toda a análise de Vieira, fiel à tradição mais ortodoxa, tem como pressuposto que o Apocalipse de João diz respeito ao imediato fim dos tempos. Para Joaquim, de outro modo, a realização das profecias apocalípticas e a própria abertura dos sete selos marcam apenas o final do segundo estado, em que a Igreja de Cristo e seu Reino se realizam.

Diferentemente da teoria Quinto Império, em Joaquim, cada um dos três estados do mundo abrigaria em seu interior a sequência de sete impérios malignos, o grande Dragão vermelho de sete cabeças²⁰, em luta com as forças do bem, sendo que, no período assinalado a Cristo, o sétimo e último dos impérios seria encabeçado pelo primeiro Anticristo. O segundo Anticristo apareceria numa igual posição histórica, só que na última sequência de sete impérios, referente ao período espiritual ou terceiro estado. Desse modo, teríamos três sequências de sete impérios, uma no primeiro, uma no segundo e outra no terceiro estado do mundo, sendo que a segunda sequência culminaria com o surgimento do primeiro Anticristo, e a terceira com o segundo.

Não vemos claramente, em Vieira, uma divisão geral da história em que os tipos são distribuídos simetricamente ao longo dos conjuntos de gerações (*generationes*) de trinta anos cada uma, dos cinco ou sete tempos (*tempora*) e dos três estados (*status*) do mundo, segundo a estrita

19 Como já notamos, o Terceiro Estado, segundo Joaquim de Fiore, seria o do Espírito Santo. Para Vieira, no entanto, o Espírito Santo é quase sempre relacionado à questão das “línguas de fogo”, ou seja, da iluminação para a conversão. Como conclui Borges (op. cit., p. 115-116), “[...] em nenhum dos textos de Vieira a pneumofania perde o signo marcadamente cristológico, jamais se autonomizando a inspiração paracléptica como centro de uma economia particular.”

20 Rossatto (in BURLANDO, 2009, p. 131-140).

Marcus
De Martini

Noeli Dutra
Rossatto

180

lógica do anúncio e da realização em três etapas. De outro modo, em Vieira, os três estados não estão atribuídos, como em Joaquim, a cada uma das pessoas da Trindade. Indicam apenas - e muito vagamente - uma subdivisão ternária do Quinto e último Império, que pertence apenas a Cristo, sua Igreja e seu Reino. Desta ótica, não haveria, portanto, a perspectiva de uma futura, longa, próspera e duradoura era do espírito como em Joaquim de Fiore.

E mais, a divisão por cinco impérios em Vieira indica uma sequência geral de períodos que engloba toda a história da humanidade. Em Joaquim, a totalidade da história somaria ao final vinte e um impérios malignos, e não apenas cinco: sete no primeiro estado, sete no segundo e outros sete no terceiro, como já destacamos²¹. Além disso, a distribuição por tipos e antitipos em Vieira desemboca toda na realização de uma única figura - a de Cristo -, que já não se sabe mais se é histórica ou meta-histórica, tal como fazia a tipologia tradicional criticada e reformulada pelo abade cabrês. A novidade trazida por Vieira é a releitura da história do período das novas descobertas à luz de uma cristologia que marcava os passos da realização das profecias apocalípticas e prometia a breve realização do Reino e do Evangelho de Cristo na terra. E, nesse sentido, não deixa de ser um messianismo. A novidade joaquimita, de outro modo, era a realização do Reino do Espírito e de seu Evangelho Eterno em uma plena e derradeira etapa da humanidade.

Não pretendemos com isso negar taxativamente a hipótese de que Vieira haja incorporado alguns elementos joaquimitas na arquitetura de sua obra profética. Temos de considerar, o que normalmente se admite, que o jesuíta estava em meio a inúmeras fontes joaquimitas e pseudojoaquimitas igualmente atribuídas ao abade de Fiore. Também é importante pesar o fato de que Vieira cita várias vezes o Abade Joaquim entre as autoridades em que se apoia, registrando com certa precisão as publicações das profecias ao abade atribuídas pela edição veneziana.²²

21 Os sete impérios do primeiro estado são: Império dos Egípcios, dos Cananeus, Sírios, Assírios, Caldeus, Medos e Gregos; os do segundo são: os dos Judeus (Herodes, ano 1 d.C.), Romanos (Nero, 37-68), Bárbaros e heréticos (Constantino ariano, 337-49), Sarracenos (Maomé, 570-632), Novos Caldeus e Babilônios (Henrique IV, Germânico, 1056-1106), Muçulmanos (Saladino, 1139-93), Primeiro Anticristo (que viria entre: 1200-30). Os sete impérios do terceiro estado espiritual ainda eram futuros.

22 Pode-se ver, por exemplo, na seguinte passagem da *Defesa*: “[...] Joachim Abbade & outros, cujas predições, com nome de *profecias*, recapitulou & imprimio em Veneza há mais de 150 annos com licença da Santa Inquisição & do Patriarcha hum religioso de S. Francisco por sobrenome Rusticano.” (VIEIRA, 1957, Tomo I, p. 224).

Não resta dúvidas a respeito de que essas fontes por ele citadas foram acrescentadas e popularizadas pelo fértil imaginário lusitano no decorrer do período das Grandes Navegações e da descoberta do Novo Mundo. A própria edição veneziana da trilogia joaquimita (a *Concordia Novi ac Veteris Testamenti*, o *Psalterium decem chordarum* e a *Expositio in Apocalypsim*), entre 1519 e 1527, traz, junto a ela, o famoso *Vaticínios ou profecias do abade Joaquim e de Anselmo Marsicani*, editado com uma *Vita* de Joaquim, que, aliás, será uma das fontes proféticas consultadas por Vieira em sua estadia em Roma. Esses últimos textos – assim como tantos outros textos proféticos de desconhecida autoria – serão publicados no mesmo período dos descobrimentos e atribuídos indistintamente ao abade.

Se observarmos mais detidamente a relação entre a obra de Vieira, a de Joaquim e este caldo de cultura joaquimita e pseudojoaquimita, presente no imaginário português da época do jesuíta e imediatamente posterior, podemos encontrar algumas indicações que sugerem a ligação entre os dois autores, sendo evidentemente influências de segunda ou terceira mão, e muitas vezes – como todo autor que se tornara popular – não tão fiéis aos seus textos.

Uma dessas indicações vem da constatação de que, na época de Vieira, era mais ou menos consensual a relação de algumas profecias atribuídas a Joaquim de Fiore e o sebastianismo. Um exemplo disso consta no texto anônimo, datado de 1661, conhecido como *Ante-Vieira*. Este texto, dirigido contra os prognósticos do Padre Vieira, assinala: “o quinto sinal é que este Rei Encoberto nasceria no ano de 1554, como diz São Cirilo, o qual glosou o Abade Joaquim, nomeado por Bandarra debaixo do nome *Jonérico...* e diz o dito Abade: *Tempore annorum 54 orientur Sol, et erit delitescens*”²³. A mencionada profecia, que se encontra no *Oráculo angélico*, supostamente escrito por São Cirilo, mas que data do século XIII, e aqui está atribuída indevidamente ao “dito Abade”, em geral foi traduzida do seguinte modo: “Na era do ano 54, nascerá o Sol, e estará escondido [por algum tempo]”.

Sabe-se que D. Sebastião nasceu a 20 de janeiro de 1554. E, por isso, ele foi logo identificado com o rei vaticinado na profecia do “dito Abade”. Não obstante, é importante observar que, segundo indica a citação acima, é Bandarra quem atribui essa profecia ao abade Joaquim. A suposta menção ao abade, conforme já observaram alguns, estaria depositada na

23 Besselaar, 2002, p. 194-195.

Marcus
De Martini

Noeli Dutra
Rossatto

182

palavra “Jonérico” do verso da *trova*, posto que haveria aí uma cifra da alusão ao mar Jônico, que banha a Calábria, terra natal do abade calabrés.

Outra indicação, que também decorre de uma atribuição imprópria ao abade, aparece na interpretação deste outro oráculo sebastianista: “*Nudus venit de petra tenebrosa ad secundum et splendentem incipiens vitam*” (“Ele vem nu de uma pedra tenebrosa, iniciando uma segunda vida, que será esplêndida”). Este oráculo, que Vieira aplicará à segunda vinda de Dom João IV, na mesma época também estava vinculado a Joaquim de Fiore. No entanto, tal oráculo provém do opúsculo profético *Vaticinia de Summis Pontificibus*, que, segundo indicam os estudos atuais, foi escrito no século XIV por um discípulo do franciscano espiritual – portanto, joaquimita – Ângelo Clareno²⁴.

Uma terceira indicação vai ao encontro da divisão da história por três estados e cinco impérios. Para muitos estudiosos, alguns versos das *trovas* de Bandarra já sugeriam três realizações em três tempos distintos, seguindo a doutrina joaquimita dos três estados do mundo²⁵. Assim, por exemplo, a *Primeira Quadra* do III Corpo das *Trovas* – tradição que teria sido retomada no século XX por Fernando Pessoa (1888-1935) na tripartição do poema *Mensagem* (Brasão, Mar Português e Quinto Império) – seguiria uma divisão joaquimita:

Em vós que haveis de ser o Quinto
Depois de morto o Segundo
Minhas profecias fundo
Nestas letras que vos (aqui) pinto.

A leitura profética dessa quadra reside na palavra “vos” (ou “aqui”, em alguns manuscritos) do quarto verso, tendo em vista que, quando se desdobram as três letras em palavras latinas, obtém-se em chave joaquimita a sequência dos três estados:

“Vos” - *Vis* (Força); *Ocium* (Ócio); *Scientia* (Ciência).

“Aqui” - *Arma* (Armas); *Quies* (Quietude); *Intellectus* (compreensão).

²⁴ Besselaar, 2002, p. 129 e 444-445.

²⁵ Adrião, 2002, p. 215ss. Valemo-nos dessa obra não só para a constatação do mesmo procedimento em Joaquim de Fiore, na Quadra de Bandarra e em Fernando Pessoa, mas também na vinculação entre os três estados joaquimitas, os cinco impérios e a sucessão na monarquia portuguesa. Procedimento semelhante pode ser encontrado no *Romance d'a pedra do reino*, de Ariano Suassuna, mas não cabe aqui apresentá-lo.

Assim, os versos de Bandarra trariam, de forma enigmática, a teoria joaquimita dos três estados do mundo e a divisão por cinco impérios. Os decimais “Quinto” e “Segundo”, que aparecem nos primeiros versos da *Quadra* – “em vós que haveis de ser o Quinto/Depois de morto o Segundo” –, marcam o Quinto Império e o Segundo estado. E do jogo entre estes decimais, resulta a seguinte explicação joaquimita aplicada à sucessão monárquica. O primeiro estado paterno foi marcado pela “Força” e pelas “Armas”, correspondendo ao tempo de consolidação da monarquia portuguesa por D. Manuel, o Primeiro, que foi o Quinto rei da dinastia de Avis, e sucedera a D. João, o Segundo (1469-1521). O segundo estado filial, que foi marcado por uma relativa tranquilidade no poder (“Ócio” e “Quietude”), corresponde ao tempo do rei D. João, o Quinto, sucessor de D. Pedro, o Segundo. Por fim, em sucessão ao Segundo (estado), surgiria o terceiro estado espiritual (“Ciência” e “Compreensão”) e o Quinto (Império) sucederia o Segundo (Império), formado por Grécia e Roma.

Esse último passo só poderá ser entendido em chave joaquimita, pois, para obter-se tal resultado, os impérios terão de ser agrupados segundo a divisão por três estados. Ao primeiro estado correspondem os impérios Assírio e Persa; ao segundo, os impérios Grego e Romano; e, finalmente, no futuro estado espiritual, haveria de se cumprir o Quinto Império, o Império Lusitano²⁶. O Quinto Império, então, seria realizado depois de se completar o Segundo, isto é, depois do período correspondente ao segundo estado do Filho (Grécia e Roma) da teoria joaquimita.

Aqui, mais uma vez, apesar da engenhosidade da solução do enigma proposto na *trova*, a filiação de Vieira a Joaquim continua incerta; e, além do mais, mediada outra vez por Bandarra. Não obstante, poder-se-ia sugerir que a distribuição por cinco impérios guarda a mesma sequência e a mesma nomenclatura usada por Joaquim na divisão geral da história por cinco tempos (*tempora*). Em uma ampla divisão da história por tempos, Joaquim enumera para o estado paterno, em que nele estão compreendidos o tempo anterior à lei (*ante legem*) e o tempo sob a lei (*sub legem*) do Antigo Testamento, a perseguição dos impérios Assírio e Persa; e, para o estado filial, compreendido pelo tempo da lei evangélica (*sub littera evangelio*) e o da graça (*sub gratia*), os impérios Grego e Romano. O quinto e último tempo e império, a ser

²⁶ Adrião, *Ibid.*, p. 215-221 e 267-268.

Marcus
De Martini

Noeli Dutra
Rossatto

184

vivido no terceiro estado, corresponderia ao momento da plena compreensão espiritual²⁷. Contudo, Joaquim não indica qual é este império.

De qualquer modo, difícil seria provar que a teoria do Quinto Império de Vieira procede da divisão joaquimita por cinco tempos, apresentada nos seus diferentes comentários ao Apocalipse. E mesmo que admitíssemos tal hipótese como certa, outra vez faltaria o mais importante da proposta joaquimita, que é a consumação do cristianismo depois de ingressar no período espiritual, o que, com efeito, faria que o Quinto Império fosse atribuído ao Espírito e não a Cristo, como quer Vieira. Ao lado disso, o sonho português de substituir Roma por Lisboa é bem mais antigo que o próprio Vieira, como mostram os versos de Luís de Camões (1524-1580): “Vi estar todo o céu determinado/De fazer de Lisboa nova Roma” (*Lusíadas*, VI, 7).

Uma última indicação vem da possível influência recebida por Vieira no próprio círculo jesuíta. Sabe-se que Francisco de Borja (1510-1572), um dos primeiros jesuítas e líder do grupo ligado ao Colégio de Gandía (Espanha), sob influência do franciscano Juan Tejada, propôs uma reforma na insipiente Companhia de Jesus. Na origem dessa reforma, estão dois elementos interligados: os jesuítas imediatamente assumiram a missão portuguesa de ultramar, sendo logo identificados com o ideário dos movimentos reformistas que pregavam o retorno à igreja primitiva; e isso, na Espanha, vai reverberar nas controvérsias provocadas pelas tentativas de mudanças à luz das ideias joaquimitas. O certo é que, apesar das proibições encabeçadas pelo próprio Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus, muitos de seus integrantes passam a ver, tal como outrora os franciscanos espirituais, a nova ordem jesuíta como aquela destinada a evangelizar durante o terceiro estado do mundo²⁸. Entre os herdeiros deste ideário, os especialistas não hesitam em dar especial destaque a Antônio Vieira, no Brasil, e a Manuel de Lacunza (1731-1801), no Chile²⁹. A nova igreja, alicerçada a partir dos indígenas puros e inocentes, seria a própria Igreja Espiritual (*Ecclesia Spiritualis*) do terceiro estado, professada pelos joaquimitas, que deixava para trás a antiga, pecadora e corrompida igreja clerical até então vigente. E, se-

27 Cf. Joaquim De Fiore, *Liber introductorius*, f. 5v-6br e *Psalterium*, f. 259v-260r. Ver também a Figura dos Três círculos trinitários, divididos por cinco partes, na f. 38 da *Expositio in Apocalypsim*.

28 Cf. Milhou, 1996, p. 203-223.

29 Reeves; Gould, 2000, p. 21-22.

gundo esse mesmo enfoque, a nova *ordo monachorum*, que comandaria a Igreja Espiritual destinada a propagar o terceiro estado do mundo, conforme os prognósticos de Joaquim, seria a jesuíta.

Aqui, mais uma vez, a ligação entre Vieira e Joaquim é indireta. É a vertente joaquimita, presente nos franciscanos espirituais desde o século XIII, que vai influenciar Francisco de Borja e os jesuítas. É dessa perspectiva analítica que se pode explicar a presença de outros vestígios joaquimitas na obra do jesuíta, tal como a figura do Papa Angélico e a escatologia dos últimos tempos.

A conversão universal e o Pastor Angélico

Para Vieira, mesmo no último dos três estados do Império de Cristo, o do Reino de Cristo Consumado, a salvação não seria de todas as pessoas, nem de todos os gentios, nem de todos os católicos, pois, mesmo entre os últimos, poderia haver aqueles que não mereciam se salvar. Assim, ainda que essa conversão começasse a se dar aos poucos, chegaria o tempo em que o mundo todo teria apenas uma fé, a de Cristo. Essa conversão universal, segundo Vieira, ocorreria a partir de sete meios: o primeiro seria a graça eficaz de Deus, que faria o mundo ser obediente ao seu Filho, Cristo; o segundo seria a oração de Cristo, intercedendo junto ao Pai; o terceiro seria a intercessão da Virgem Santíssima, a quem a Igreja devia o fim de todas as heresias; o quarto meio seria a virtude e eficácia que Deus daria aos pregadores da divina palavra, aos quais ninguém resistiria; o quinto meio seria a unção do Espírito Santo, que iluminaria e ensinaria a todos os homens; o sexto meio seria o poder da força e das armas, com o qual seriam combatidos os rebeldes (como os da seita de Mafoma) e coagidos os que fossem menos obstinados; por fim, o sétimo meio seriam as maravilhas que Deus iria obrar neste tempo e para este fim, conforme anunciavam os profetas.

Depois de discutir os meios, Vieira discute os instrumentos através dos quais a conversão iria se operar. Para o jesuíta, seriam dois instrumentos, um eclesiástico e outro secular, um imperador e um sumo pontífice, o Pastor Angélico, conforme se interpretava a partir de Zacarias³⁰. Segundo a narrativa do profeta, Josué – figura de Jesus – filho de Jozadaque, foi coroado com duas coroas por mando de Deus, sim-

³⁰ Na *Clavis* (p. 557), Vieira menciona três instrumentos, colocando Cristo como o primeiro, além do Pastor Angélico e dos príncipes seculares.



bolizando, portanto, que Jesus teria dois reinos, um espiritual e outro temporal. Assim, para consumir o reino de Cristo na terra, Deus iria levantar dois príncipes: um para a cabeça espiritual, o Sumo Pontífice; outro para a cabeça secular, um “novo e famoso imperador”, sendo que ambos entender-se-iam plenamente, servindo o imperador para garantir a expansão da fé.

Marcus
De Martini

Noeli Dutra
Rossatto

186

Vieira afirma que, no Reino de Cristo Consumado, além de todos serem cristãos, todos também seriam justos. O jesuíta não afirma que não existiria o pecado, mas que, devido à presença de uma graça superabundante, seriam poucos os que iriam pecar e perseverar no pecado. Sua proposta se fundamenta em quatro bases: 1^a.) nos textos no Antigo Testamento (como Daniel e Isaías); 2^a.) nos textos do Novo Testamento (como Paulo, Pedro, João e, especialmente, a parábola do banquete no evangelho de Mateus³¹); 3^a.) no Apocalipse³²; 4^a.) na razão (pois se Deus fora tão benevolente no passado, por que não seria no futuro, quando o Reino de Cristo for consumado?) e 5^a.) numa demonstração aritmética fundada no número dos Predestinados.

Apesar de a figura do Pastor Angélico ser muito incomum entre os jesuítas, tendo sido constatada, nos inícios da ordem, apenas entre alguns jesuítas espanhóis, especialmente Francisco de Borja, que, como vimos, chegou ao tema por meio do visionário franciscano Juan Tejada. Em 1549, o próprio Inácio de Loyola abordou o assunto em uma carta a Borja, salientando que essas visões eram muito suspeitas, o que supostamente teria posto um fim à questão³³. Como se vê, porém, Vieira resgata justamente essa ideia a partir dos comentários bíblicos dos franciscanos.

Tal constatação serve, mais uma vez, de prova da ligação entre Vieira e Joaquim pela via indireta dos franciscanos espirituais, pois, como Joaquim, Vieira também utiliza as figuras joaquimitas do *Novus Dux* (Novo guia) e a do *Pastor Angelicus* (Papa Angélico). Não obstante, a

31 Cf. Mateus: 22, 2-14. Como explica Vieira, no Reino de Cristo, serão poucos os que não terão a graça de Deus (1957, Tomo 2, p. 176-177).

32 Vieira refere-se, sobretudo, a Apocalipse: 20,1-3: “E vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo, e uma grande cadeia na sua mão. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos. E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que não mais engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois importa que seja solto por um pouco de tempo”. Assim sendo, segundo o jesuíta, estando o Diabo preso, serão quase nulas as tentações sofridas pelo homem; portanto, serão poucos os que pecarão.

33 Cf. O'Malley, 1993, p. 322.



consumação do estado de Cristo em Joaquim, como já ressaltamos, não remete ao fim dos tempos, mas ao início do estado espiritual.

É certo que as interpretações joaquimitas e pseudojoaquimitas vão adaptar com frequência a opinião de que a transição a uma nova era espiritual ocorreria sob a liderança de um pontífice universal, o Papa Angélico, ou de um líder político universal, o Imperador dos Últimos Dias, ou de ambos juntos ou numa mesma figura³⁴. Frequentes são também as identificações dos seus opostos nas figuras negativas do pseudopapa ou papa simoníaco e na do Anticristo³⁵. Não há dúvida que esse simbolismo marcará decisivamente o imaginário europeu dos séculos XIII e seguintes.

Na passagem do século XII para o XIII, por exemplo, depois da morte de Frederico I, Barba-Ruiva (1123-90), surgiram os prognósticos da vinda de outro Frederico. O novo Frederico seria o imperador destinado a preparar o Segundo Advento de Cristo, que, na leitura joaquimita, teria lugar no final do segundo estado, e não no fim do mundo, como até então se interpretava. A coroação de Frederico II em 1197, como imperador do Sacro Império Romano Germânico, vai dar alento a essa profecia³⁶. Muitos o identificarão com o Novo Guia (*Novus Dux*) anunciado por Joaquim e o associarão imediatamente a uma das cabeças da Besta do Apocalipse. Os castigos por ele infligidos à igreja romana – e, por conseguinte, ao clero –, davam claros sinais de que estava ocorrendo o que havia sido previsto para acontecer à ordem clerical e à Igreja de Cristo, destinada a consumir-se no advento do terceiro estado do mundo, na luta contra o Anticristo. A morte de Frederico II, em 1250 – e não em 1260 como previam muitos franciscanos espirituais –, trará certo descrédito a essas profecias.

É esse mesmo imaginário medieval – que até hoje se mantém vivo em muitos aspectos – que, mais tarde, marcará presença na tradição luso-brasileira, através da doutrina do Quinto Império e, sobretudo, dos cultos e das festas ao Império do Divino³⁷. Da ligação entre Isabel (1269-1336), a Rainha Santa de Portugal, esposa de D. Dinis, e os franciscanos espirituais, é que nascerá a primeira Confraria do Espírito Santo de Alenquer, no ano de 1282. E da relação no interior do Reino de Ara-

34 Cf. West; Zimdars-Swartz, 1983, p. 102-103.

35 Reeves, 1993; Reeves, 1961.

36 Falbel, 1995, p. 67.

37 Cf. Rossatto, 2003 e 2005.

Marcus
De Martini

Noeli Dutra
Rossatto

188

gão, entre a Rainha de Portugal e o filósofo catalão Arnaldo de Vilanova (1238-1316), então chanceler de seus dois irmãos, Frederico III de Sicília e Jaime II de Aragão, vem a certeza do contato mais direto entre a corte portuguesa e as ideias joaquimitas.

Na figura de um novo rei, ou mais precisamente na coroação de um Rei Menino – um *Dux Novus*, conforme sugere o texto da *Concórdia* (f. 56b) de Joaquim, é celebrado o terceiro estado do mundo. Tradicionalmente, as Festas do Divino coroam um Rei Menino ladeado por um rei jovem e outro de mais idade, de acordo com o que a mesma *Concórdia* (1964a, f. 112a) ensinava: “O primeiro estado é dos velhos, o segundo dos jovens e o terceiro dos meninos”. Desde suas origens, ao contrário de outras correntes joaquimitas antimonárquicas, a celebração ao Império do Divino destaca positivamente a figura do rei, pois essas festas nascem no seio da monarquia portuguesa em um período de desavença com o papado. É daí que vem uma das justificativas para a ausência do clero em tais festejos. Mas é certo que, de acordo com a doutrina joaquimita, o clero não poderia protagonizar uma celebração do terceiro estado espiritual.

O milênio e Portugal

Por fim, examinamos a exposição de Vieira sobre o tempo de duração do Quinto Império, o do Reino de Cristo Consumado. O jesuíta reconhece que não é possível determinar com certeza e precisão a duração desse estado e o Dia do Juízo. No entanto, a partir das revelações das escrituras, é possível e legítimo presumir o número de séculos de sua duração, que, para Vieira, serão muitos. Como São João havia revelado no Apocalipse, o reino de Cristo duraria mil anos.

O capítulo 20 do Apocalipse trata do tempo que se segue à derrota da Besta e do Falso profeta (Ap 19), quando o demônio será preso por mil anos no abismo (Ap 20,2-3), e os santos que morreram por sua fé voltarão à vida na primeira ressurreição e reino com Cristo por mil anos (Ap 20,4-5). Essa passagem foi uma das mais interpretadas na história da exegese cristã. Sempre se discutiu se esse número era para ser tomado de modo simbólico ou literal e se o reino de Cristo seria na terra.

A crença em um milênio na terra foi muito forte nos primeiros séculos da Era Cristã³⁸. Cerinto (c. 130) vai defender uma era de praze-

³⁸ Não pretendemos abordar a questão do milenarismo neste momento, o que deman-

res carnavais. Apesar de ter sido considerado herético posteriormente, muitos Padres defendiam um milênio carnal. Contudo, Agostinho vai defender uma leitura espiritual do milênio, que se referia ao período da Igreja militante. Essa será a visão corrente na ortodoxia até o final da Idade Média. No entanto, se o milenarismo for concebido em sentido amplo, pode-se considerar ainda a visão do Imperador dos Últimos Dias, construída a partir das profecias do Pseudo-Metódio e pela tradição dos oráculos da Sibila Tiburtina. Segundo essa visão, um último imperador romano vai se erguer para derrotar o inimigo muçulmano e até Gog e Magog, introduzindo uma nova era de paz³⁹.

Joaquim de Fiore, porém, vai interpretar esse período como correspondente a um terceiro estado, o do Espírito Santo, como já mencionamos. A influência joaquimita será muito grande nos séculos seguintes, apesar de sempre suspeita de heresia. A partir do século XV, principalmente, uma nova onda de milenarismo começou a se espalhar na Europa. No meio católico, a influência de Joaquim vai se fazer presente entre os exegetas bíblicos, sobretudo em Serafino da Fermo (1496-1540) e Coelius Pannonius (?-1552, também conhecido como Francesco Gregorio).

Em seus comentários ao milênio, Cornélio à Lápide (1567-1637) – o comentarista bíblico mais mencionado por Vieira – analisa algumas interpretações, que divergem quanto ao significado dos mil anos e sobre o início da contagem. A primeira é a de Salazar, que a considera um número místico. Como Cornélio propõe sempre uma interpretação literal, ele descarta-a sumariamente. As opiniões seguintes fazem uma tentativa de periodização histórica. Pedro Auriol (c. 1280-1322) considera que o período teria começado com o Papa Silvestre (316), ou com a ascensão do Império Turco, em 630, ou com o pontificado do Papa Calixto II, em 1122. Outra opinião, conforme expresso por Cerinto, entre outros, é a de que o milênio começaria com a morte do Anticristo, quando os santos viveriam com Cristo na terra um reino de delícias. Por fim, Cornélio menciona uma opinião nova, baseada nos ensinamentos de Joaquim de Fiore, Coelius Pannonius, Serafino da Fermo e Bulíngero. Depois do Anticristo, a Igreja viveria mil anos de paz e santidade, e o modelo da monarquia

daria uma digressão muito longa. Sobre o assunto, remetemos o leitor a Rossatto (2010), para uma visão mais ampla do assunto, e Cohen (1991), para uma análise mais voltada à obra profética de Vieira.

³⁹ McGinn 2002, p. 148 e ss.

Marcus
De Martini

Noeli Dutra
Rossatto

190

divina seria estabelecido na terra. Cornélio afirma que tal opinião não teria nenhum fundamento, acrescentando ainda que a mesma ideia teria sido compartilhada por Pedro Galatino (c. 1460-c. 1539). Galatino, em sua obra, dá muito relevo à figura do *Pastor Angelicus*, o papa que seria um santo em ciência e humildade. Esse papa precederia a tomada da Igreja de Cristo pelo Anticristo. Cornélio então conclui, deixando a questão em aberto: “an recte et vere, posteriorum aetas docebit”. Curiosamente, esta seria a opinião que Vieira seguiria, tendo-a aprendido certamente na obra de Cornélio, já que os autores citados pelo primeiro para sustentar sua posição são as mesmas encontradas em sua fonte de consulta mais frequente⁴⁰.

Durante o processo, Vieira é acusado de milenarista, pelo menos, três vezes⁴¹. No entanto, o jesuíta argumenta que o número “mil” não é para ser tomado com precisão aritmética, mas de forma aproximada⁴². Além disso, os quiliastas, segundo Vieira, teriam incorporado ao período em questão “algumas felicidades pertencentes mais ao corpo, que ao espírito & não decentes nem dignas do Reyno de Christo”⁴³. Assim, a reprovação aos milenaristas não adviria do período de mil anos a que se haviam referido, que estava mencionado na Bíblia, no que Vieira estava certo. Vieira acrescenta ainda que muitos autores interpretam a duração do mundo a partir da teoria das sete idades do mundo, ou seja, estipulam que, para cada dia da criação, equivaleriam mil anos. Desse modo, a última etapa do mundo teria mil anos, correspondendo esta ao estado perfeito e consumado da Igreja. Por isso, quando as Escrituras se referiam ao Fim do Mundo, não designavam exatamente o Dia do Juízo, mas sim ao último estado da Igreja, que poderia compreender muitos séculos antes de efetivamente ocorrer o Juízo. Mais especificamente, Vieira explica que os mil anos do Reino de Cristo virão antes do Anticristo e não depois, como muitos pensavam, já que durante esse tempo o demônio estaria atado. Depois de solto, o demônio voltaria a tentar as pessoas, sendo que as que fraquejassem seriam enfim perseguidas e enviadas para o Inferno para sempre. A essa perseguição, seguir-se-ia o Dia do Juízo. Vieira então divide os episódios dos últimos tempos em três fases sucessivas: 1ª.) o Reino de Cristo e a prisão do Demônio por muitos anos; 2ª.) a soltura do Demô-

40 Armogathe, 2001, passim.

41 Vieira, 2008, pp. 106, 160 e 201.

42 Vieira, 1957, Tomo 2, p. 222.

43 Ibid., p. 222.

nio e a perseguição do Anticristo por pouco tempo; e 3ª.) a Ressurreição Universal, Dia do Juízo e fim do mundo⁴⁴.

Vieira argumenta que é bem provável que haveria ainda muitos anos e séculos até a vinda do Anticristo. O jesuíta baseia seus argumentos na autoridade de autores antigos, como São Gaudêncio e São Malaquias, para os quais faltariam ainda 840 e 340 anos, respectivamente, até a vinda do Anticristo. Mais ainda, Vieira argumenta com três fundamentos: o teológico, o histórico e o geográfico. Pelo primeiro, o jesuíta postula que já foi provado teologicamente que chegaria um momento em que todos seriam cristãos; pelo segundo, argumenta que, com a descoberta do Novo Mundo, o cristianismo tem se expandido como nunca; no entanto, pelo terceiro, afirma que as terras descobertas e as pessoas catequizadas não são nem a vigésima parte dos lugares e pessoas que a fé cristã deverá alcançar para converter. Portanto, serão necessários ainda muitos anos para se converter todo o mundo.

Restava saber em que ano começariam as mudanças em questão. O padre destaca assim o número 666, o número da Besta, presente no Apocalipse, que se referiria a Maomé, já que a contagem das letras de seu nome em grego (“Mahometes”) daria 666⁴⁵. Como o próprio Maomé teria afirmado que seu reino duraria mil anos, era provável que o tempo da extinção do Turco estava se aproximando. Por fim, haveria um indício fortíssimo, as profecias de Bandarra:

Nesta mesma era dos seis falla muito *aquelle Autor idiota & infellice*, que eu tenho mais *razão de detestar* que de *allegar*. Só digo que pello anno de 1666 se pode dizer, com elle diz: *Aqui faz o conto cheo*. Porque todos os numeros do Abecedario latino se enchem completamente na conta deste anno, sem accrecantar nem diminuir, nem trocar ou alterar a ordem delles: porque o M. val mil, o D. quinhentos, o C. centro, o L. cincoenta, o X. dez, o V. cinco o I. hum & todos juntos pella mesma ordem vem a fazer 1666.
M.D.C.L.X.V.I⁴⁶.

⁴⁴ Ibid., p. 234.

⁴⁵ Cf. Apocalipse: 13, 18: “Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis”.

⁴⁶ Vieira, 1957, Tomo 2, p. 260-261.

Marcus
De Martini

Noeli Dutra
Rossatto

192

Vale lembrar que Vieira escrevia suas *Representações* justamente no ano de 1666; por isso, aguardava certamente para logo a chegada do novo Reino de Cristo.

Por fim, na trigésima e última questão da segunda parte de suas *Representações*, Vieira toca o ponto mais alto de sua argumentação: “De que terra ou nação será o Emperador que Deus há de tomar por instrumento desta empreza?”⁴⁷. A resposta nós já sabemos: será português. A base de toda a argumentação de Vieira é o célebre juramento de D. Afonso Henriques, que fazia de Portugal uma nação cristã e o reino de Cristo. Além disso, a mesma ideia já se encontrava profetizada nas Escrituras, especialmente no capítulo sete de Daniel, ao qual tantas vezes se refere Vieira. Nele, diz-se que o Altíssimo havia dado o reino dos Céus a seu Filho, sendo que o reino da Terra ficara para os santos do Altíssimo. Sendo Portugal o reino de Cristo na Terra, os portugueses seriam os santos a que se referia a visão de Daniel⁴⁸. Mais interessante, porém, é a narrativa de Tubal. Como retoma Vieira, Noé possuía três filhos – Sem, Cam e Jafé –, os quais repartiram a terra depois do Dilúvio. Jafé teve sete filhos, sendo o quinto chamado Tubal, que, para Vieira, “foi o primeiro português do mundo”, pois teria por primeiro habitado em terras lusitanas, especificamente em um lugar que chamou *Caetus Thubal*, posteriormente Setúbal⁴⁹. Segundo Vieira, Tubal significaria “mundo” ou “homem do mundo”, tenho cabido a ele a dilatação da bênção de Noé pelo mundo, e nenhum povo teria dilatado tanto a fé como os portugueses, em suas conquistas. Outro fundamento para a crença de Vieira era a profecia dos santos, como as de São Frei Gil e Frei Bartolomeu de Salústio, entre outros. Além disso, Vieira afirma que os turcos e mouros possuíam profecias de que um rei português iria destruí-los. Em seguida, o jesuíta louva a posição geográfica de Portugal, pois Lisboa teria nascido de fato para capital do mundo, bem como as qualidades de seu povo, cuja fé se destacava entre os demais povos. Isso justificava o zelo que Deus sempre demonstrara em relação a Portugal, que, como um Davi da Europa, destruiria os inimigos da Fé, ao que sempre os reis portugueses se empenharam. Assim, entre esses reis, Vieira destaca D. Manuel, pois, além

⁴⁷ Ibid., p. 261.

⁴⁸ Especialmente Daniel: 7, 27: “E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão”.

⁴⁹ Vieira, 1957, Tomo 2, p. 268.

de atrair os judeus fugidos de Castela para Portugal, com ele iniciou-se a conquista dos povos gentílicos, começando então a unir os diferentes povos sob a mesma fé.

Talvez um dos motivos da escolha de Vieira em seguir uma vertente interpretativa que remete a uma exegese milenarista, em sentido amplo, pelo menos, e que havia sido criticada por Cornélio à Lápide, comentarista bíblico ao qual o jesuíta mais recorre, tenha sido a forma com que ela permite a adaptação de todo aquele arsenal profético acionado com a Restauração portuguesa. Cornélio afirmou que essa interpretação de fundo joaquimita não possuía nenhum fundamento, e que havia sido chamada de herética por alguns, apesar de nunca condenada oficialmente. Mesmo assim, Vieira adere a essa visão, e persiste nela até o final, de que serve de testemunho a *Clavis*, onde o franciscano joaquimita Ubertino de Cassale (1259 –1329) e os já mencionados Fermo, Pannonius e Galatino, entre outros, são todos citados como as autoridades em que Vieira se fundamenta para embasar a ideia do Reino de Cristo Consumado na Terra.

*Milenarismo na
obra profética
de Padre
Antonio Vieira*

193

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIÃO, V. M. **Mistérios iniciáticos do Rei do Mundo**: história oculta de Portugal. São Paulo: Madras, 2002.

ARMOGATHE, J.-R. Interpretations of the Revelation of John: 1500-1800. In: COLLINS, John J.; MCGINN, Bernard; STEIN, Stephen J. (Ed.). **The encyclopedia of Apocalpticism**. New York: Continuum, 2000. v. 2.

_____. *Per Annos Mille*: Cornelius a Lapide and the Interpretation of Revelation 20:2-8. In: KOTTMAN, K. A. (Ed.). **Catholic millenarianism: from Savonarola to the Abbé Grégoire**. Dordrecht; Boston: Kluwer Academic Publishers, 2001.

AZEVEDO, João Lúcio de. **História de Antônio Vieira**. São Paulo: Alameda, 2008.

BANZA, Ana Paula. A “retórica cativa de Vieira”: dos Sermões à Representação. **Românica**, Lisboa, n. 17, p. 24, 2008.

Marcus
De Martini

Noeli Dutra
Rossatto

194

BESSELAAR, J. Van den. **Antônio Vieira: o homem, a obra, as ideias.** Amadora, Portugal: Bertrand, 1981.

_____. **Antônio Vieira: profecia e polêmica.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

_____. **O Sebastianismo: história sumária.** Amadora, Portugal: Bertrand, 1987.

_____. As trovas do Bandarra. **Revista ICALP**, v. 4, p. 14-30, 1986.

BORGES, P. A. E. **A plenificação da história em Padre Antônio Vieira: estudos sobre a ideia de Quinto Império na Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício.** Lisboa: Impr. Nacional/Casa da Moeda, 1995.

BOSI, Alfredo. Vieira e o Reino deste Mundo. In: VIEIRA, A. **De Profecia e Inquisição.** Brasília: Senado Federal, 1998. p. XII-XLIV.

_____. Antônio Vieira, profeta e missionário: um estudo sobre a pseudomorfose e a contradição. **Estud. av.**, v. 22, n. 64, p. 241-254, 2008.

COHEN, T. M. Millenarian Themes in the Writings of Antonio Vieira. **Luso-Brazilian Review**, v. 28, n. 1, Messianism and Millenarianism in the Luso-Brazilian World, p. 23-46, 1991.

FALBEL, N. **Os espirituais franciscanos.** São Paulo: Perspectiva/Fapesp/Ed. da USP, 1995.

JOAQUIM DE FIORE. **Concordia Novi ac Veteris Testamenti.** Venedig: 1519, reed. facsímile: Frankfurt: Minerva, 1964.

_____. **Expositio in Apocalypsim (com Liber introductorius in Apocalypsis).** Venedig: 1527, reed. facsímile: Frankfurt: Minerva, 1964.

_____. **Psalterium decem chordarum.** Venedig: 1527, reed. facsímile: Frankfurt: Minerva, 1964.

KANTOROWICZ, Ernst H. **Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MCGINN, B. Wrestling with the Millennium: Early Modern Catholic Exegesis of Apocalypse 20. In: AMANAT, A.; BERNHARDSSON, M. (Ed.). **Imagining the end: visions of apocalypse from the ancient Middle East to modern America**. London: I. B. Tauris, 2002.

MILHOU, A. El mesianismo joaquimita del círculo jesuíta de Francisco de Borja (1548-1550). In: RUSCONI, R. (Org.). **Storia e figure dell'Apocalisse fra '500 e '600**. Roma: Viella, 1996. p. 203-223.

O'MALLEY, J. W. **The first Jesuits**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1993.

PÉCORA, A. **Teatro do sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antonio Vieira**. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, [1994], 2008.

REEVES, M. **The influence of prophecy in the Later Middle Ages: a study in Joachimism**. Notre Dame/London: University of Notre Dame, 1993.

____. Joachimist influences on the idea of a Last World Emperor. **Traditio**, 17, p. 323-370, 1961.

____; GOULD, W. **Gioacchino da Fiore e il mito dell'Evangelo eterno nella cultura europea**. Roma: Viella, 2000.

ROSSATTO, N. D. **Joaquim de Fiore: Trindade e Nova Era**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

____. (Org.). **O simbolismo das festas do Divino Espírito Santo**. Santa Maria: Facos-UFSM/Fapergs, 2003.

____. Las cabezas del dragón: vícios y virtudes em Joaquín de Fiore. In: BURLANDO, G. **De las pasiones en la Filosofía Medieval**. Santiago de Chile: PUC-Chile, 2009, p. 131-140.

____. Milenarismo. In: BARRETO, V. P.; CULLETON, A. (Org.). **Dicionário de Filosofia Política**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2010, p. 344-46.

Milenarismo na obra profética de Padre Antonio Vieira

195

SARAIVA, A. J. **O discurso engenheiro**: estudos sobre Vieira e outros autores barrocos. São Paulo: Perspectiva, 1980.

VIEIRA, Padre Antônio. **Apologia das coisas profetizadas**. Organização e Fixação do Texto de Adma Fadul MUHANA. Edições Cotovia, Lisboa, 1994.

Marcus
De Martini

Noeli Dutra
Rossatto

196

_____. **Clavis Prophetarum**. Ed. crítica, fixação do texto, trad., notas e glossário de Arnaldo Espírito Santo segundo projeto iniciado com Margarida Vieira Mendes. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000 [ed. bilíngue latim-português]. Livro III.

_____. **Defesa perante o Tribunal do Santo Officio**. Introdução e notas de Hernâni Cidade. Bahia: Universidade da Bahia, 1957. Tomos 1 (XL-342) e 2 (XXII-396).

_____. **História do futuro**. Livro antepimeiro. Edição crítica prefaciada e comentada por José van den BESSELAAR. Vol.I. Bibliografia. Introdução e Texto. Vol. II. Comentário. Ed. e Public. Brasil. São Paulo, 1976.

_____. **Historia do futuro**. Edição e introdução de Maria Leonor Buescu. Brasília: Casa da Moeda, 1982.

_____. **História do Futuro**. ALEIXO, José Carlos Brandi. (Org.). Brasília: EdUnB, 2005.

_____. **Os autos do processo de Vieira na Inquisição**. Edição, transcrição, glossário e notas Adma Fadul Muhana. 2. ed. ampliada e revista. São Paulo: Edusp, 2008.

WEST, C. D.; Zimdars-Swarts, S. **Joachim of Fiore**: a study in spiritual perception and history. Bloomington: Indiana University Press, 1983.